



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS
HUMANAS/SOCIOLOGIA

QUADRILHA JUNINA EM IMPERATRIZ:
A “VAI E VEM” E SUAS INTERDEPENDÊNCIAS

ANTONIO MARCOS DIAS

IMPERATRIZ – MA

2019

ANTONIO MARCOS DIAS

**QUADRILHA JUNINA EM IMPERATRIZ:
A “VAI E VEM” E SUAS INTERDEPENDÊNCIAS**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, como requisito básico para obtenção do grau de Licenciado no curso de Licenciatura de Ciências Humanas/Sociologia.

**Orientador: Prof. Dr. Jesus Marmanillo
Pereira**

IMPERATRIZ - MA

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFM

Dias, Antonio Marcos.

Quadrilha Junina em Imperatriz : A Vai e Vem e suas interdependências / Antonio Marcos Dias. - 2019.

44 f.

Orientador(a): Jesus Marmanillo Pereira.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2019.

1. Figuração. 2. Permanência. 3. Sociação. 4. Vai e Vem. I. Pereira, Jesus Marmanillo. II. Título.

ANTONIO MARCOS DIAS

**QUADRILHA JUNINA EM IMPERATRIZ:
A “VAI E VEM” E SUAS INTERDEPENDÊNCIAS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jesus Marmanillo Pereira (Orientador)
Doutor em Sociologia

Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras
Doutor em História

Profa. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja
Doutora em Antropologia

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar por ter me dado força nos momentos difíceis. Agradeço a minha mãe, a meus irmãos Edvilson Rufino, Maria Simone Dias, Núbia Kátia Dias e Pablo Júnior Dias, ao meu saudoso padrasto Lourival Alves dos Santos, ao meu tio Adeládio Rufino Costa, que sempre me incentivou a estudar.

Agradeço ao Prof. Dr. Jesus Marmanillo Pereira por aceitar este desafio de orientação.

Agradeço também aos entrevistados, em especial a Paulo da Silva dos Santos e sua esposa Lucimar Andrade dos Santos. Agradeço a todos os professores que fazem parte da minha trajetória.

Agradeço também a todos os colegas do curso que, de forma direta e indireta, me ajudaram a vencer esta batalha.

RESUMO

Objetivamos analisar as configurações sociais dos Grupos de Quadrilhas Juninas da cidade de Imperatriz do Maranhão, tendo como base o conceito de figuração de Norbert Elias (1994, 2000, 2001 2008) e buscamos perceber como essa manifestação cultural permanece ao longo dos anos na cidade. Para tanto, um caso particular foi delimitado para análise: A Quadrilha Junina “Vai e Vem”, do bairro Santa Rita em Imperatriz. O trabalho proposto é relevante visto que busca contribuir para a produção de conhecimento sobre a região Sudoeste do Maranhão e, principalmente, sobre manifestações culturais presentes no estado como todo. Para a concretização do trabalho, realizamos pesquisa documental a fim de perceber mudanças ao longo da década 1980. Realizamos também entrevista com o fundador da “Vai e Vem” e aplicamos um questionário com as pessoas que participam do grupo. Analisamos os dados colhidos à luz de alguns conceitos de Norbert Elias e Georg Simmel, mais especificamente, os de figuração e sociação. Por meio desses, buscamos pontuar as interdependências, sociações e sociabilidades que garantem a sua existência.

PALAVRAS-CHAVE: Figuração; Permanência; “Vai e Vem”; Sociação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PERCURSO DA PESQUISA, NOTAS METODOLÓGICAS E A “VAI E VEM”...11	
3. A QUADRILHA JUNINA EM IMPERATRIZ.....	20
3.1 Mudanças.....	25
4. “VAI E VEM” INTERDEPENDÊNCIAS, SOCIAÇÃO.....	30
4.1 Sociabilidade e <i>Habitus</i> na “Vai e Vem”.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Grupo de quadrilha Cojac, que passaria a se chamar quadrilha do “Vai e Vem” no pátio da igreja Santo Antonio. Junho de 1985.....	12
Figura 2 – “Vai e Vem” – agosto de 1996.....	27
Figura 3 - Grupo de quadrilha do “Vai e Vem” – mirim – em 1988, na quadra da Usina Mato Grosso no bairro Nova Imperatriz.....	31
Figura 4 - Ensaio da quadrilha na residência do Paulo. Bairro Santa Rita 17/05/2018.....	37

1. INTRODUÇÃO

A Quadrilha Junina é uma manifestação cultural difundida por todas as regiões brasileiras, em especial a Região Nordeste. É uma dança presente em quase todas as festas juninas do estado do Maranhão e, em Imperatriz, não é diferente. Na região, existem diversos grupos e diversas entidades públicas e privadas que promovem essa manifestação.

Considerando quadrilha junina como o resultado de um processo cultural, carregado de sentidos históricos e sociais, buscamos demonstrar aspectos da história dessa festa dentro da lógica da cidade de Imperatriz-MA. Tal manifestação será analisada segundo as mudanças ocorridas a partir do início da década de 1980, interdependências e sociabilidades que possibilitam a existência desse objeto de estudo. Assim, tentaremos refletir sobre as interdependências existentes entre os integrantes do grupo de quadrilha “Vai e Vem”, questionando: Como elas contribuem para a sua permanência ao longo dos anos? Quais mudanças ocorreram no grupo? Buscaremos ainda apontar a sociação e a sociabilidade como os tipos de interações que contribuem para a unidade e permanência do grupo. A hipótese orientadora desta pesquisa é que existam interdependências na relação entre os componentes desse grupo de cunho afetivo, familiar e cultural. E, por sua permanência há tanto tempo enquanto grupo, é que supomos a existência de uma sociabilidade que também é relacionada a essa interdependência.

São questionamentos como esses que nos levaram a destrinchar os vários aspectos das “quadrilhas” juninas de Imperatriz do Maranhão. Para tanto, selecionamos como campo de pesquisa o caso da Quadrilha Junina do “Vai e Vem” do bairro Santa Rita da cidade de Imperatriz no estado do Maranhão, que foi fundada em junho de 1985.

Portanto, será necessário compreendermos a perspectiva de figuração de Norbert Elias (2008) e de sociação de George Simmel (2006). Trata-se de uma orientação teórica cujo foco de observação está voltado para as relações de interdependência entre os indivíduos e para as mudanças que ocorrem nessas relações e suas dinâmicas, no âmbito da relação sociedade-indivíduo. Ela também aponta para a forma como agregados de indivíduos podem constituir formas e conteúdos autônomos.

A partir desses conceitos poderemos compreender a festa como um fator de socialização e sociabilidade, além de identificar as interdependências, significados e permanências da Quadrilha Junina em Imperatriz. Com isso, dentro dos problemas apontados, a pesquisa tem como objetivo a caracterização das interdependências presentes no grupo e da sociação como mecanismos que contribuem para continuação e conseqüentemente, para sua permanência nas tradições festivas da cidade de Imperatriz. Os campos da pesquisa foram os locais de ensaios e apresentações do grupo, assim como a Academia Imperatrizense de Letras e o acervo do Curso de Jornalismo da UFMA.

A monografia está dividida em três partes. Na primeira, apontamos o percurso dos recortes feitos para chegarmos ao objeto da pesquisa, a metodologia adotada, a teoria na qual está assentada a pesquisa e as pessoas que contribuíram para o seu desenvolvimento. Os três princípios básicos da Sociologia Processual de Elias (2000) são apresentados para identificarmos, posteriormente, através dos resultados obtidos, as possíveis configurações, em última análise, das interdependências.

Na segunda parte, apresentamos as configurações históricas que rodeiam as Quadrilhas de Imperatriz do Maranhão, os locais da prática dessas manifestações desde década de 1980 e como era concebida essa manifestação cultural pela sociedade imperatrizense. Apresentamos também o recorte histórico necessário para o desenvolvimento da pesquisa. Nele, destacamos as mudanças pelas quais a quadrilha junina passou, apresentando dois pontos importantes para a pesquisa, (1) momento em que primeiro se ouviu falar em premiação e disputa entre grupos de quadrilhas juninas; e (2) inauguração do “coreto” da Praça Tiradentes pelo prefeito Ribamar Fiquene. Destacando a festa antes como um fator de socialização e confraria entre membros da sociedade de Imperatriz, mesmo que haja um fator de disputa com objetivo de premiação.

Na terceira parte, buscamos, seguindo a perspectiva de configuração social de Elias, mostrar a dinâmica interna da “Vai e Vem” e as interdependências presentes no grupo que contribuem para sua permanência e manutenção na cultura de Imperatriz. Apresentamos as observações etnográficas sobre o grupo com a perspectiva de George Simmel sobre sociabilidade e sociação, juntamente com os conceitos de conteúdos e

formas. Por último, tornamos a utilizar Elias para demonstrar o *habitus* como conceito que nos ajuda a explicar, em última análise, o tempo de existência do grupo.

2. PERCURSO DA PESQUISA, NOTAS METODOLÓGICAS E A “VAI E VEM”

O recorte trilhado surgiu de um longo caminho de escolhas metodológicas e pessoais, que compunham o aprendizado da pesquisa. De início, pretendíamos estudar a cultura do Norte e Nordeste do Brasil, buscando demonstrar suas diferenças. Depois de várias advertências de colegas e professores do Curso¹, enfatizando que seria um trabalho demasiadamente longo e que talvez não chegasse a um resultado satisfatório, tendo em vista a riqueza cultural dessas duas regiões Brasileira, pensamos em focar nas diferenças entre as festas juninas da cidade de Imperatriz e São Luís, mas a distância entre as duas cidades representava uma grande dificuldade, quando pensamos na execução do trabalho de campo.

Assim, outra possibilidade pensada foi a de estudar as quadrilhas juninas de Imperatriz, buscando identificar possíveis estigmas. Nesse sentido, meu orientador me indicou a leitura do livro *Os estabelecidos e os outsiders*², de Norbert Elias, para que eu tivesse uma base teórica sobre configuração e estigmas entre grupos. No entanto, durante a leitura, e observando os conflitos entre os grupos “novos e antigos”, tive a ideia de identificar e estudar o grupo de quadrilha junina mais antigo de Imperatriz que ainda estivesse em atividade.

Por meio do contato com um colega de turma³, tive acesso ao senhor Osório Mendes que é uma pessoa engajada pela luta pela manutenção das culturas tradicionais de Imperatriz e Região Tocantina. Ele prontamente me atendeu e me passou os contatos de alguns grupos de quadrilha da cidade, entre eles o grupo “Mensageiro” e o “Arrasta pé”. Ao dialogar com os dois representantes desses grupos, obtive a informação de que a “Vai e Vem” era um dos grupos mais antigos de quadrilha junina da cidade, contudo, eles não possuíam o contato dessa “nova” quadrilha, por mim descoberta.

Por meio de pesquisa na Internet, encontrei a página do Facebook do grupo de quadrilha do “Vai e Vem”. No entanto, a página estava sem atividades desde o ano de 2014. Em vista disso, utilizei a ferramenta de comentários da página para enviar uma

¹ De Ciências Humanas/Sociologia.

² *Os estabelecidos e os outsiders* é o trabalho mais importante realizado por Elias durante esses 40 anos nos quais pouco publicou, ocupando um lugar marginal com relação à Sociologia da época. A pesquisa foi realizada no final dos anos 1950 em uma pequena comunidade batizada com o nome fictício de Winston Parva. O livro foi editado pela primeira vez em 1965, quando Elias era professor da Universidade de Leicester. (Elias,1970).

³ Francisco Pimentel - Turma 2014.2.

“mensagem” para um dos integrantes do grupo, o qual me passou o contato do coordenador do grupo⁴. Assim, ocorreu a aproximação com o objeto de estudo.

A escolha do grupo “Vai e Vem” se deu por ele ser um dos grupos mais tradicionais de quadrilha junina da cidade de Imperatriz – essa colocação foi feita pelos coordenadores de outras quadrilhas juninas, entre elas a “Mensageiro” e a “Arrasta pé”. Desde junho de 1985, o grupo atua como um representante da cultura nordestina em Imperatriz e toda Região Tocantina. Sua sede é no Bairro Santa Rita. Esse é um grupo reconhecido em toda região.

O primeiro contato realizado via redes sociais permitiu chegar até o organizador do grupo, Paulo da Silva dos Santos, o qual confirmou que, de fato, confirmou que a quadrilha tem mais de 30 anos de atuação.

Paulo da Silva dos Santos é fundador e coordenador do grupo “Vai e Vem”. Ele tem 38 anos de liderança de grupos, visto que antes de formar o grupo de quadrilha junina, ele foi coordenador da COJAC (Comunidade Jovem Andando com Cristo), desde o ano de 1981. Trata-se de um grupo vinculado à Igreja Santo Antônio, que serviu de base para a criação do grupo “Vai e Vem”, que surgiu quatro anos depois, em 1985 (SANTOS, 2017).

Por meio do arquivo pessoal do nosso informante, pudemos ter acesso à imagem da Figura 1 que representa os primeiros momentos do referido grupo.

Figura 1 – “Vai e Vem” no pátio da Igreja Santo Antônio. Junho de 1985



Fonte: Santos (2017)

⁴ Paulo da Silva dos Santos

Podemos observar, em destaque, o coordenador Paulo da Silva dos Santos, em pé de camisa quadriculada de cor azul, no centro-direita da imagem. É importante citar que, por certo tempo, os integrantes do grupo comunidade Jovem Andando com Cristo (COJAC) “se reuniam em um salão que tinha o nome de Frei Tomás, localizado na Rua Paraíba, Bairro Nova Imperatriz” (SANTOS, 2017).

Com o passar do tempo, “a comunidade mudou-se para Rua Ceará e passou a se chamar comunidade Santo Antônio e foi, a partir dessa comunidade, que foi criada a paróquia Santo Antônio⁵” (SANTOS,2017). Dessa forma, a história da quadrilha está cruzada com a própria história da paróquia, caracterizando os primeiros sinais de interdependência. Assim, é importante refazer esse caminho histórico do grupo para podemos entender por quais configurações passou e passa o grupo, o que nos pode ajudar a identificar quais interdependências na “Vai e Vem” contribuíram e contribuem para que o grupo exista até os dias atuais.

O estudo do grupo foi realizado a partir da sua sede localizada na Rua Tomé de Sousa, número 208, bairro Santa Rita, na cidade de Imperatriz. Foram também estudados os locais de apresentações do grupo, como o festival de quadrilhas e outras danças folclóricas intitulado “Arraiá no nosso Sítio” e o festival de quadrilhas juninas de Imperatriz.

Para melhor compreensão do leitor, é importante citar que o nome completo do grupo é “Quadrilha do Vai e Vem” (SANTOS 2017). No entanto, por vezes, iremos nos referir ao grupo como “Vai e Vem”, pois muitos de seus integrantes também o chamam assim.

Outro ponto que nos chamou atenção com relação ao grupo foi o caminho inverso que o grupo tomou, visto que a maioria dos grupos de quadrilha atualmente ensaiam com o objetivo de competir, de forma que todo o planejamento tem como fim a participação em festivais com premiação. Já a “Vai e Vem” se reafirma e se apresenta

⁵ Inicialmente, ligada à Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a Comunidade Santo Antônio tornou-se Paróquia em 12 de janeiro de 2002. Às 17h desse dia, o saudoso Dom Affonso Felipe Gregory presidiu a solene celebração eucarística de sua criação. Marcaram presença os padres Felinto Elíseo Correia Neto, Elisvaldo Cardoso Silva, Raimundo Nonato Barbosa Costa e Ivanildo Oliveira Almeida. A pedido de Dom Affonso, o padre Felinto Elíseo fez a leitura da Portaria 04/02 criando a Paróquia Santo Antônio (CEZAR, 2018).

no intuito de manter as tradições e pelo “gosto de dançar a quadrilha junina”, como nos relatou Paulo em entrevista (17/05/2018).

Assim esse grupo apresenta um tipo de figuração (ELIAS, 2000), ou seja, um elemento que pode nos ajudar a responder os problemas apontados na pesquisa: Quais interdependências presentes no grupo “Vai e Vem” contribuem para que ele permaneça como grupo e como manifestação cultural de Imperatriz? Quais mudanças ocorreram nesse grupo de 1985 até os dias atuais? As respostas a essas perguntas podem apontar a sociação existente no grupo.

Para tentamos responder a tais questões, analisamos as entrevistas e as observações sobre o grupo a partir das lentes da Sociologia Processual de Elias, assim como utilizaremos algumas concepções de Georg Simmel sobre interações, sociabilidade e sociação.

Os princípios básicos da Sociologia Processual de Elias (2000) que usaremos são: (1) Sociologia diz respeito a pessoas no plural (figurações); (2) as figurações formadas pelas pessoas estão continuamente em fluxo; e (3) os desenvolvimentos de longo prazo são, em grande medida, não planejados e não previsíveis. Acreditamos que caminhar a partir da linha desses conceitos torna possível identificar quais interdependências existem nas relações dos indivíduos do grupo, destacando que as interdependências são entendidas aqui como situações que induzem ou levam um indivíduo a fazer parte desse grupo de quadrilha junina.

Sabendo ainda que os componentes do grupo pagam um preço, isso falando dos estigmas que eles sofrem por participarem de uma quadrilha junina. Estigmas produzidos não somente por indivíduos que não dançam quadrilha, mas, em certos casos, por membros de outras quadrilhas juninas.

A pesquisa documental foi realizada no acervo da Academia Imperatrizense de Letras, especificamente nos arquivos do “Jornal *O Progresso*”. No local, pudemos ter acesso aos arquivos do jornal desde a década de 1970. Para destacarmos a importância desse jornal para a região, apresentamos a seguinte citação: “Três de maio de 1970 é um marco para o jornalismo impresso local, pois foi fundado ‘O Progresso’, mais antigo jornal em circulação em Imperatriz” (BRITO; PINHEIRO, 2001, p.10). Esses arquivos

possibilitaram uma consulta abrangente sobre a história da cidade, em seus aspectos cultural, econômico e social.

Também foi feito levantamento no acervo bibliográfico do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, que fica localizado no prédio do Jornalismo no *campus* Centro da universidade, na Rua Urbano s/n, Centro, Imperatriz - MA. Esse acervo conta com uma riquíssima variedade de livros e outros documentos que contam a História da Cidade de Imperatriz e toda a Região Tocantina. Nossa busca no acervo concentrou-se nas obras históricas/culturais com ênfase nas que trabalhassem as quadrilhas juninas em Imperatriz.

A busca por informações também foi realizada nos arquivos do fundador da quadrilha junina do “Vai e Vem”. Nele, tivemos acesso ao documento que conta a história da quadrilha “Vai e Vem” intitulado “História da Criação da Quadrilha do Vai e Vem” e nas fichas que contêm as informações dos integrantes do grupo. Também tivemos acesso ao “Projeto cultural 2018” da quadrilha, que tem como objetivo solicitar ajuda à Fundação Cultural de Imperatriz. Esse documento traz em si o propósito do grupo enquanto agente social em relação aos jovens, o de “evitar que eles olhem para o mundo das drogas e da prostituição” (SANTOS, 2018). Foram ainda consultados os arquivos fotográficos da quadrilha.

Buscando encontrar notícias sobre as festas juninas com ênfase nas quadrilhas, consultamos também a Fundação Cultural de Imperatriz para identificamos quantas quadrilhas juninas existiam na cidade. Essa coleta foi orientada pela ideia de que o “tratamento de fontes diversas permite alcançar o conjunto de pontos de vista (e de posições sociais) que formam uma figuração social, e compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais” (ELIAS, 2000, p. 9).

As diversas fontes documentais possibilitaram uma interação com o objeto de estudo, no sentido de não ficamos presos a uma só perspectiva de abordagem, pois pudemos traçar perspectivas com mais opções de olhares. Isso é bom para o pesquisador na busca de destrinchar as configurações que envolvem seu objeto de pesquisa.

A etnografia presente no livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*⁶ traz importantes análises de Norbert Elias, realizadas a partir dos estudos feitos pelo professor Scotson entre as décadas de 1950 e 1960, em uma comunidade próxima à cidade de Leicester na Inglaterra. Elias (2000) buscou “estudar os aspectos de uma configuração universal no âmbito de uma pequena Cidade”. Esse modo de investigação nos apresenta um caminho que devemos trilhar em relação ao que devemos observar no campo de pesquisa e nos fornece métodos para verificação dos modos de interações (interdependências, sociabilidade e sociação).

O professor Jhon L. Scotson passou três anos observando e coletando dados na comunidade. Esses dados, analisados por Elias, possibilitaram a descrição das relações existentes entre dois grupos – relações de conflitos, de afastamento e de interdependências entre os indivíduos dos grupos. Demonstrem, ainda, as “relações de vizinhas”, as associações locais, “as redes de famílias antigas” e chega até as “relações” entre “família e comunidade”.

Considerando a relação da quadrilha com o bairro, com a igreja e com o grupo de jovens, as contribuições teórico-metodológicas desses autores nos oferecem uma rica possibilidade analítica e reflexiva sobre o grupo de quadrilha junina “Vai e Vem”.

Norbert Elias trabalha a categoria de estigmas nas suas análises e aborda questões que condicionam agrupamentos de indivíduos e/ou classes sociais. Com isso, podemos caminhar por uma análise que busque evidenciar as interdependências presentes na configuração do grupo “Vai e Vem” em relação a seu tempo de existência. Assim, é necessário considerar que, nos estudos das relações dos indivíduos com e para outro,

[s]ó podemos compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais se começarmos pelo estudo do tipo da sua interdependência, da estrutura das suas sociedades, em resumo, das configurações que formam uns com os outros (ELIAS, 2008, p.79).

Um fato que deve ser citado é que, no decorrer da pesquisa, descobrimos que já conhecíamos o grupo. Isso ocorreu, porque, desde 2013, trabalhei como coordenador

⁶ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edição, 2000.

das apresentações das quadrilhas juninas do “Arraiá no Nosso Sítio”⁷. Naquele contexto, minha tarefa era a de listar e informar a ordem e o local (espaço) de apresentação das quadrilhas no “Arraiá no nosso Sítio”. Esse trabalho possibilitou um maior entrosamento com o objeto de estudo, pois me proporcionou contato com diversos grupos de quadrilhas e outros grupos folclóricos dos estados do Maranhão, Pará e Tocantins.

Nas conversas e nos diálogos com os integrantes dos diversos grupos culturais, em particular os das quadrilhas juninas, tive uma pequena ideia das dificuldades que enfrentam para manter viva essa manifestação cultural. Dificuldades que vão desde a falta de locais para realizar os ensaios até a falta de transporte para levar os grupos aos locais de apresentações da quadrilha junina.

O Quadro 1 apresenta as pessoas que responderam ao questionário presencialmente, ou seja, quando o questionário foi respondido pela própria pessoa. Devido à correria nos ensaios, somente sete integrantes responderam ao questionário, entre eles Paulo, um dos fundadores da quadrilha, para o qual confeccionamos um questionário com questões específicas direcionadas ao líder do grupo (termo que foi adotado para fazer referência ao coordenador do grupo, visto ele cita a palavra liderança em diversas oportunidades).

As entrevistas e as observações nos possibilitaram uma leitura das configurações presentes no grupo. Realizamos duas entrevistas e aplicamos 28 questionários com perguntas semiestruturadas, de setembro 2017 a maio 2019. Várias anotações foram realizadas a partir das observações dos ensaios, das comemorações e de uma apresentação do grupo no “Arraiá do nosso Sítio”, nos quais estive presente, em encontros com o grupo.

⁷ Festival de quadrilha junina realizado desde o ano de 2001 na Cidade de Sítio Novo do Tocantins.

Quadro 1: Entrevistados

Entrevistado
Fátima
Lucimar Andrade
Matheus Santos
Mayara Santos
Ray silva
Rick
Paulo da Silva dos Santos

Autor: Dias (2017)

Além deles, obtivemos informações de 27 membros por meio do estudo das fichas de cadastro dos participantes, encontradas nos arquivos do coordenador da quadrilha.

Objetivando chegar aos fins propostos para a pesquisa, traçamos o caminho da História e o da Etnografia. Assim, buscamos compreender o percurso da quadrilha junina na cidade de Imperatriz do Maranhão por meio da análise de arquivos de jornais e outras fontes documentais que registram momentos das festividades juninas da cidade desde 1981. Esse conhecimento nos ajudou a entender as mudanças pelas quais a quadrilha passou e, em particular, as vivenciadas pelo grupo “Vai e Vem”.

Nesse sentido, uma colocação de Giovanni Levi (2014, p.1) nos parece ser válida: “a História é a ciência das perguntas gerais, mas de respostas locais. Não podemos imaginar uma generalização em História que seja válida”. Assim, seguiremos a perspectiva de uma micro História para tentar responder às questões propostas.

Uma pesquisa que caminha a partir de uma perspectiva etnográfica, busca coletar dados diretamente na fonte, o que ajuda a “compreender melhor as características estruturais que elas têm em comum e as razões por que, em diferentes momentos, elas funcionam e se desenvolvem segundo diferentes linhas” (ELIAS, 2000.p.21), ou seja, é um método de observação dos costumes, hábitos e tendências de um grupo. O contato inicial com o coordenador do grupo, principalmente após o convite para observamos o ensaio, nos fez pensar que seria uma tarefa fácil realizar a pesquisa, que a coleta dos dados seria algo simples, mas não foi, pois o trabalho de observar requer uma persistência do pesquisador que, no desenrolar do processo, pode encontrar grandes obstáculos.

Ao ir ao encontro ao grupo no ensaio que acontecia na residência do coordenador, localizada na rua Tomé de Sousa, no bairro Santa Rita, percebi que a

quadrilha não estava com todos os pares⁸. Essa percepção foi possível por causa dos anos em que fui dançarino de quadrilha junina como também “puxador”⁹. Ao indagar Paulo sobre o porquê de não estarem presentes todos os pares, ele revelou o quanto é difícil reunir todos os integrantes do grupo. Isso devido a diversos fatores, como o horário do trabalho que, às vezes, coincide com o do ensaio. “Não estão aqui todos os pares” (Paulo, entrevista, 17/05/2018).

Permanecemos observando o ensaio, registrando imagens e os modos de interação entre os integrantes. Em um dos intervalos do ensaio, fui apresentado ao grupo pelo Paulo, momento no qual pude explicar meu objetivo e o motivo da escolha do grupo como objeto da pesquisa. Nesse primeiro contato com o grupo, não apliquei questionário com os integrantes da quadrilha, realizei apenas uma entrevista com o coordenador do grupo. Assim, fiquei no campo das observações do ambiente e refletindo sobre a forma como o grupo nos tinha recebido, pois é importante considerar que o pesquisador também é observado pelos sujeitos e que é fundamental ter tato, pois esses primeiros contatos são o divisor entre a aceitação ou não do pesquisador no ambiente.

Com isso, percebi que, às vezes, o rigor técnico que a academia nos proporciona pode atrapalhar ou causar embaraço no primeiro encontro entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Isso se tornou mais evidente na segunda visita feita ao grupo, uma vez que somente quatro integrantes da quadrilha se dispuseram a responder ao questionário.

Assim, como nossa pesquisa se caracteriza como etnográfica, tomamos o cuidado, como aponta Elias (2000), de “não permitir que nossos interesses teóricos preponderassem sobre nosso interesse pela vida social das pessoas da própria comunidade”, que, em nosso caso, é o grupo “Vai e Vem”. Nesse tipo de pesquisa, o trabalho do pesquisador consiste em observar e relatar as configurações sem interferir nas interações entre os componentes do grupo observado.

⁸ Como é denominada a dupla de indivíduos na quadrilha junina.

⁹ Locutor da quadrilha junina.

3. A QUADRILHA JUNINA EM IMPERATRIZ

Por ser um fenômeno social coletivo, é preciso detectar e conhecer as estruturas sociais, econômicas e históricas que rodeiam a quadrilha de Imperatriz do Maranhão. Conhecer os locais da prática dessas manifestações é imprescindível. Faz-se necessário, portanto, um aprofundamento sobre o desenvolvimento dessa festa. Para tanto, tomamos como recorte histórico a década de 1980, para podermos conhecer os sujeitos sociais que estão inseridos no processo, sua história e as permanências, no contexto histórico dessa manifestação.

Essa festividade junina está presente nas manifestações culturais de Imperatriz há muito tempo. Os primeiros registros dessa festa popular mostram que ela tinha uma conotação mais de uma festa de socialização e de cunho religiosa. De socialização porque as notícias (*O Progresso*, década de 1980) registradas sobre essa festa demonstram que era realizada e idealizada, em geral, no sentido de proporcionar interações entre os membros da comunidade imperatrizense de todas classes sociais da cidade, incluindo até mesmo os membros da “alta sociedade” imperatrizense, os políticos, fazendeiros e empresários.

O cunho religioso se configura, pois elas fazem parte das comemorações das festividades em homenagem a Santo Antônio, São Pedro e São João. Segundo Gaspar (2018), essa é uma dança típica das festas juninas, que é muito característica da Região Nordeste. Na origem, elas se remetem às danças populares das áreas rurais francesas e inglesas. No Brasil, elas foram introduzidas por volta de 1820, por membros da elite carioca. Trata-se de uma dança de salão dos bailes de corte e se popularizou e se regionalizou no Nordeste brasileiro.

Sobre essa primeira definição, é importante considerar que “as correspondentes palavras, categorias e modos de pensamento parecem tão evidentes, que é fácil imaginar que cada ser humano os conheceu intuitivamente” (ELIAS, 2008.19). Isso está presente no imaginário das pessoas comuns em relação às pesquisas com base empírica, pois querem respostas rápidas sobre os problemas apontados, esquecendo que as relações humanas, por mais simples que pareçam ser, são complexas e exigem um rigor científico na busca de compreendermos determinadas configurações.

Em Imperatriz, a dança não fazia a “abertura dos bailes da corte” (GASPAR, 2018), mas continuou sendo um modo de socialização da “alta classe social” da cidade.

Muitos empresários promoviam a “festa junina no intuito de socialização entre os membros de diversos segmentos empresarias e autoridades políticas”. Zequinha Moreira, em seu livro dedicado a seu pai Simplício Moreira, relata bem um desses momentos em que a quadrilha junina fazia parte de um evento familiar: “Papai mandava assar nas fogueiras batatas doces, macaxeiras, inhames e abóboras e todos se serviam”. Era uma alegria. “Simplício dançava quadrilha com perfeição” (MOREIRA, 1997, p. 62). Sobre esse aspecto, ainda verificamos relatos semelhantes como:

Grande noite junina sábado dia 20. Na residência da simpática Dra. Ruth Noleto, oportunidade em que reunirá seu vasto círculo de amigos” (*O Progresso*, coluna Maria Leônia, 16/06/1982, p. 9).

Uma grande festa junina foi realizada ontem na Maloca, com muitas presenças de destaque onde foi comemorado o noivado dos jovens Luís Carlos Salani e Graciete (*O Progresso*, 27/06/1982, p. 9).

As citações trazem grandes personalidades da cidade, como por exemplo, a médica Ruth Ferreira de Aquino Noleto que, juntamente com o esposo, o médico Raimundo Noleto Filho, fundou o Hospital São Raimundo em 1966. É registrado também um evento promovido por Luiz Carlos Salani, engenheiro vinculado à Associação Comercial e Industrial de Imperatriz (ACII)¹⁰.

Essas e outras personalidades de Imperatriz eram noticiadas com frequência na coluna Maria Leônia, durante a década de 1980. Maria Leônia “passou 5 anos no jornal *O Progresso*” (BRITO; PINHEIRO, 2001, p. 9), sendo responsável por uma coluna que dá ênfase aos acontecimentos da sociedade imperatrizense com destaque para a elite empresarial e política da cidade, noticiando os eventos que rodeavam essas classes sociais. Desse modo, sua coluna estava direcionada a noticiar os fatos sociais da “alta classe”, quando assinava a coluna no Jornal *O Progresso* na década de 1980. Assim sendo, quando falamos que a festa é reapropriada pela alta classe social de Imperatriz, estamos nos fundamentando nas notícias do jornal, em especial, no que era veiculado na coluna Maria Leônia, que é a nossa fonte de pesquisa.

As festas juninas com participações de grupos de quadrilhas também eram realizadas por colégios e outras instituições, sendo comuns notícias como:

¹⁰ Ver, CUNHA, Fernando. **Dra. Ruth Ferreira de Aquino Noleto – Uma Mulher além do seu Tempo**. Museu Virtual Imperatriz – MA. Imperatriz/Brasil, janeiro de 2017. Disponível em: <https://museu-virtual.blogspot.com>. Acesso em 16 de jun. 2019.

As escolas se movimentam no sentido de organizarem as festas caipiras da cidade (*O Progresso*, 20/05/1982, p.7).

O Arraiá do Maranhão será um sucesso, além de comidas típicas, concurso de rainhas, festa dançante quadrilha e etc. (*O Progresso*, 23/06/1982, p. 7).

Grande festa de arraial amanhã no Clube Juçara numa promoção do a Secretaria de Cultura de Imperatriz Colégio Imperador (*O Progresso*, 25/06/1982, p. 2).

Com destaque para as festas juninas do 50º Batalhão de Infantaria e Selva, considerada umas das maiores nos de 1970 e início dos anos 80, mas uma das maiores do mês de junho ainda estão por acontecer. Uma é a do 50BIS (*O Progresso*, 20/06/1979, p. 2).

Pelo que observamos nos noticiários e fontes, as festas juninas são retratadas de modo preponderante nas páginas do jornal *O Progresso* que noticiava as atrações festivas principalmente no período junino durante a década de 1980 e podiam ser consideradas como lugar de socialização ou de entretenimento da sociedade imperatrizense daquele período.

Ademais, é uma manifestação religiosa, porque os festejos juninos são festividades em homenagem aos Santos da Igreja Católica, sendo eles: Santo Antônio, São João e São Pedro. “Tudo o que é festejo vale, nesse dia tão alegre como é o dia de São Pedro” (*O Progresso*, 30/06/1982, p. 8). Todas com datas festivas definidas, posto que a festa de Santo Antônio se comemora no dia 13 de junho; São João, no dia 24 de junho; e São Pedro, no dia 29 de junho. “São Pedro foi o nosso primeiro papa e o seu dia é festejado a 29 de junho...” (*O Progresso*, 30/06/1982, p. 6).

Por meio dos estudos de Ferreti (2007), é possível considerar o aspecto religioso das festas. Esse pesquisador as entende como lugar de significados e de cultura e como fator de integração. Segundo ele:

A nosso ver, as festas religiosas e populares no Brasil e no Maranhão continuam conservando características da civilização barroca, com desfiles, alegorias, danças, músicas, recursos cenográficos, jogos, poesia, produtos de luxo, em que “etiquetas servem de instrumentos para a fixação das hierarquias sociais” (FERRETI, 2007, p.9).

A partir disso, é possível pensar a quadrilha como um lugar de integração entre os indivíduos de todas as classes sociais da cidade de Imperatriz. No entanto, a relação entre as festas, as elites locais e a popularização da quadrilha na cidade aponta para uma mudança, pois, a partir de 1980, começam a surgir na cidade festivais com o propósito de promover a competição entre os grupos de quadrilha. Essas mudanças mostram que a quadrilha é uma manifestação cultural que é (re) apropriada, (re) significada de acordo com cada contexto social e histórico, ou seja, pode ser contextualizada nas configurações sociais da cidade.

Para detectarmos e conhecermos um pouco dessas estruturas sociais, econômicas e históricas que rodeiam as quadrilhas de Imperatriz do Maranhão, foi necessário um aprofundamento, a partir da análise documental de arquivos do Jornal *O Progresso*, que estão no acervo da Academia Imperatrizense de Letras e de consultas ao acervo do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão – *campus* Centro Imperatriz.

Essa consulta e estudo possibilitaram perceber algumas mudanças e permanências no contexto histórico dessa manifestação. Nesse sentido, esta pesquisa pode ser importante para as Ciências Sociais, porque busca demonstrar se, dentro dessa manifestação cultural que acontece em Imperatriz, existem elementos que levam a um processo de socialização dos indivíduos que fazem parte da “quadrilha” em Imperatriz, uma vez que observamos elementos sociais e econômicos que podem interferir na construção das identidades culturais dos habitantes dessa localidade.

Também nesse sentido, considerando outras influências culturais que Imperatriz sofreu no decorrer de sua formação enquanto cidade, uma questão chama a atenção: Por que não o *Reggae* ou o *Bumba-meu-boi* se sobressaíram em relação às quadrilhas? Sobre isso, Adalberto Franklin (2017) explica:

Quem conhece a história e os costumes do nosso Sudoeste maranhense, sabe muito bem o quanto é diferente a cultura destes sertões em comparação com a cultura ilhéu. Pouco tem em comum em folclore, gastronomia e musicalidade. Essas duas regiões, apesar de ambas maranhenses, surgiram distintamente, viveram isoladas uma da outra por mais de 250 anos e somente há pouco mais de 50 anos passaram a ter contato expressivo.

Isso porque Imperatriz, especificamente, teve em sua formação enquanto cidade um processo migratório diversificado, recebendo pessoas de todas as regiões brasileiras e do mundo¹¹. Criou-se não “uma cultura, mas um multiculturalismo”, bem diferente do presente em São Luís, capital do estado. Isso porque, cada cidade, através das relações que os indivíduos que são seus habitantes carregam em diferentes configurações sociais e culturais, molda a cultura do local. O movimento migratório que Imperatriz recebeu em sua formação enquanto cidade tornou sua cultura muito rica e diversificada em ritmos musicais e em sua culinária. Contudo, devido à falta de contato com São Luís, Imperatriz ganhou contribuições culturais diferentes das vivenciadas na capital.

Assim, buscamos situar o nosso objeto de pesquisa na cidade, pois, como visto, a cidade é um campo carregado de simbologias que são moldadas por diversas forças sociais que configuram e organizam as cidades e, por conseguinte, exercem força sobre as pessoas que nela vivem. Nesse sentido, Elias (2008, p. 20) ressalta que “[m]esmo tendo presente que as forças sociais são forças exercidas sobre se mesma e sobre outros, é ainda muito difícil quando falamos e pensamos, precavemo-nos contra pressão social das estruturas verbais e conceptuais”.

Imperatriz é uma cidade multicultural em que existem diversas identidades culturais frutos de diversas tradições e costumes trazidos pelos povos que escolheram a cidade para morar. Ela é um lugar de coexistência de culturas, que, em um primeiro olhar, parecem serem uma, mas não são.

Não sei se é necessário lembrar que a partir da década de 1950, com os processos migratórios que transformaram Imperatriz na segunda mais populosa cidade maranhense, pessoas de todas as regiões brasileiras se estabeleceram neste Município, trazendo consigo seus costumes, seus credos, seus sotaques, sua culinária, enfim, suas manifestações culturais, sobrepondo-se, por ser os migrantes maioria da população, à cultura local. Com isso, Imperatriz tornou-se multicultural. (FRANKLIN, 2017)

Nesse cenário, embora a quadrilha junina tenha passado por caminhos que a configuravam como uma dança do matuto, do homem da roça, hoje, em Imperatriz, ela é um produto urbano, faz parte da cidade enquanto produto cultural que representa uma tradição. A “Vai e Vem” é um bom exemplo dessa configuração, sendo um produto urbano, mas que representa uma tradição do homem da roça, principalmente do homem sertanejo.

¹¹Ver Projeto Político-pedagógico, p.10, 2014.

Conhecer um pouco da história da quadrilha junina na cidade ajuda a compreender sua configuração, pois a própria existência do local de encontro do grupo, situado em determinada região da cidade, já revela o resultado de diversas forças sociais, econômicas e culturais que empurram, elevam e situam o objeto de pesquisa, associando-o a determinadas regiões da cidade. Isso porque a cidade tem uma história, em cujo desenrolar podemos observar que ela é um produto de relações humanas que estão em contínua modificação cultural, econômica e social. A cidade é um organismo vivo, onde teias e redes humanas se interligam para caracterizá-la. No caso da quadrilha analisada, as localizações do grupo estavam diretamente ligadas à relação com a Igreja de Santo Antônio.

Ao valer-se da festa popular como uma categoria que cria uma integração de seus participantes, Ferreti (2007) considera a questão do estado como órgão regulador e promovedor de festas populares. No nosso caso, verificamos uma aproximação com as constatações do autor, principalmente quando notamos que, muitas vezes, há ausência de incentivo do poder público para realização dessa festa. A partir disso, é possível compreender a relação entre determinadas instituições e as festas juninas e as quadrilhas. No caso de Imperatriz, destacamos que, desde 2008, há um esforço promovido pelo Sistema Mirante de Televisão, que realiza o “Arraiá da Mira¹²”, no qual reúne quadrilhas de todo o estado.

3.1 Mudanças

Como dito antes, a data que delimitamos como recorte histórico foi o ano de 1985, pois, nesse ano, percebemos dois pontos importantes para a pesquisa: (1) momento em que primeiro se ouviu falar em premiação e disputa entre grupos de quadrilhas juninas; e (2) inauguração do “coreto” da Praça Tiradentes pelo prefeito Ribamar Fiquene.

Devido às poucas informações empíricas e científicas sobre uma provável data específica ou mesmo aproximada da chegada dessa manifestação cultural em Imperatriz, decidimos fazer esse recorte histórico para abordagem histórica da quadrilha

¹² <http://www.grupomirantema.com/arraiadamira/2019/>

junina na cidade. Esse ano, mais especificamente 22 de junho de 1985, foi a data em que foi inaugurado o coreto (pavilhão erigido em praça pública para concertos de músicas) da Praça Tiradentes. Sobre isso noticiou o jornal *O Progresso*:

INAUGURAÇÃO DO CORETO. Na abertura dos festejos juninos, o prefeito Ribamar Fiquene procederá à inauguração do Coreto construído na Praça Tiradentes, outro espaço oferecido apresentação artísticas e culturais na cidade de Imperatriz. (*O Progresso*, 18/06/1985, p. 8).

Ao analisamos essas fontes e relatos antigos sobre a festa junina, em especial a quadrilha, percebemos que houve mudanças nos objetivos dessa manifestação cultural, que, se antes era um fator de socialização e confraria entre membros da “alta sociedade da cidade”, passou a considerar o “fator de disputa de premiação”. Isso significa que a manifestação saiu do campo de festividade para o campo da competitividade entre os grupos. Podemos dizer que foi nesse momento que a quadrilha começou a perder sua característica original de uma dança tipicamente caipira e matuta e ganhou certa estetização, principalmente nas vestimentas dos grupos de quadrilha – quesito quase obrigatório para que pudessem concorrer nos festivais.

A imagem que mostraremos a seguir (Figura 2) representa algo impensável nos nossos dias. É um caso peculiar que, no entanto, na década de 1990, era visto como normal: a apresentação de uma quadrilha junina em pleno mês de agosto e ainda sendo uma das atrações de uma festa em homenagem do dia dos pais. Nesse tempo, os grupos de quadrilhas juninas não faziam apresentações somente no período junino ou ainda em arraiais, faziam apresentações em festas de casamento, assim como demais celebrações, como festas do dia dos pais.

Figura 2 – “Vai e Vem” - agosto de 1996



Fonte: Arquivo do Paulo.

Nessa imagem, podemos observar Lucimar Andrade, esposa de Paulo da Silva dos Santos¹³, a quarta pessoa da esquerda para direita, na segunda fila, e o próprio Paulo, o segundo da direita para esquerda agachado. Em relação ao aspecto estético, observamos uma diferença grande em relação à suntuosa produção das quadrilhas atuais, que investem bastante nas vestimentas do(a)s dançarino(a)s.

Apesar de observamos essa situação de diferenciação estética, é importante enfatizar também que os primeiros concursos de quadrilha passaram a exigir elementos de diferenciação entre os grupos e votação para eleger o melhor grupo. Observamos isso na reportagem do jornal *O Progresso* com a chamada para a realização dos festejos juninos, na data de 18 de junho de 1985:

INSCRIÇÕES DE BRINCADEIRAS. Ainda permanecem abertas as inscrições para as **brincadeiras juninas ----- que participarão do concurso com prêmios para as duas primeiras colocadas**. Também “haverá o concurso da Rainha Caipira com as candidatas já escolhidas pela Comissão do Arraial da Cultura Popular”. A eleição da Rainha Caipira será feita através de votos, logicamente a que somar mais votos será conclamada (*O Progresso*, 18/06/1985, p. 8).

O termo “brincadeiras junina”, apresentado no noticiário, era o nome designado aos grupos de quadrilhas daquela época. Outro ponto que chama atenção na notícia é a

¹³ Ambos casados, até então, há 7anos. É importante destacar que ela também foi membro do grupo Comunidade Jovem Andando com Cristo, ou seja, ajudou na criação do grupo “Vai e Vem”.

parte que fala sobre a premiação para “as duas primeiras colocadas”, evidenciando que a festa começa a ganhar tom de competição, não sendo mais apenas uma dança de comemoração, religiosidade e socialização, no sentido de interações de relações de parentesco e de amizades. Seguindo esse raciocínio, observamos também:

O empenho maior vem sendo feito na promoção do concurso de quadrilhas o qual já tem até regulamento pronto. As quadrilhas se apresentarão do dia 22 a 29, no dia 28, haverá a eliminatória e no dia 29, a grande final. Cada brincadeira tem por obrigatoriedade ter 16 pares, estendendo-se até 24, o que não pode existir é quadrilha com menos de 16 e mais de 24. As seis brincadeiras inscritas serão julgadas por uma comissão de sete pessoas. (*O Progresso*, 18/06/1985, p.11).

Aqui temos os primeiros registros de um regulamento de disputas entre grupos de quadrilha na cidade de Imperatriz do Maranhão, regulamento que imputava regras para as disputas, tais como quantidade de membros e avaliação por uma comissão julgadora. Assim, embora fosse um evento realizado pela prefeitura da cidade, já existia um elemento novo no universo dos grupos de quadrilha, esse elemento novo é a disputa com intuito de premiação, percebida pela primeira vez em junho de 1985. Isso caracterizou uma mudança no que tange às apresentações desses grupos. Agora suas apresentações não ocorriam mais somente pelas festividades juninas ou como espaço de socialização familiar, passando a constituir o universo de disputas entre os grupos. Creditar as mudanças que ocorreram nas quadrilhas juninas somente ao âmbito dos grupos, revela que, “em relação aos costumes, a transformação ocorre a partir da dinâmica das classes sociais” (LANDINI, 2005, p. 94).

Contudo, buscamos ainda apontar alguns fatos que demonstram distinções claras no (1) momento em que primeiro se ouviu fala em premiação e disputa entre grupos de quadrilhas juninas; e (2) a inauguração do “coreto” da Praça Tiradentes pelo prefeito Ribamar Fiquene.

As festas juninas eram festejadas não como o são hoje, em especial a quadrilha, considerando o aspecto do grupo “Vai e Vem”. Segundo nossa análise, esse grupo apresenta as características que Elias (2000) e Simmel (2006) apontam sobre a sociedade, ou seja, “algo não estático” que está feito e acabado, pois o grupo está sempre em transformação, se refazendo, sem perder suas características grupais de socialização, de sociabilidade e de espaço sociável. As interações prosseguem para

manutenção do grupo, enquanto representante das tradições das quadrilhas juninas, deixando clara a ideia de pertencimento grupal entre seus integrantes.

Dessa forma, nos próximos capítulos, tomamos como hipótese o fato de que essas configurações contribuem para que a quadrilha perdure desde 1985 até os dias atuais, ganhando força e até mesmo promovendo festivais específicos para suas apresentações.

4. “VAI E VEM” INTERDEPENDÊNCIAS, SOCIAÇÃO E *HABITUS*

Buscaremos, neste capítulo, apresentar os resultados obtidos pelo cruzamento das respostas dos questionários, dos relatos coletados nas entrevistas e das observações etnográficas, realizadas sobre o grupo com a perspectiva de configuração de Norbert Elias e de sociabilidade e socição de George Simmel, juntamente com os conceitos de conteúdos e formas. Com esse exercício, buscamos compreender um pouco da dinâmica interna da quadrilha junina “Vai e Vem”. Por último, voltaremos a utilizar Elias para demonstrar o *habitus* como conceito que nos ajuda a explicar, em última análise, a capacidade de sobrevivência do grupo.

O grupo é aqui pensado como uma rede de relações que estão em contínuo processo de mudanças internas e externas frente aos estigmas que cultura impõe enquanto representatividade de costumes de um povo. Essas reflexões nos levaram a elaborar questionamentos para destrinchar os vários aspectos das “quadrilhas” juninas de Imperatriz do Maranhão. Contudo, antes de prosseguirmos com essa discussão, é necessário compreendermos o conceito de figuração:

Uma configuração social não é nada mais que um sistema de interações; é uma noção que designa qualquer situação concreta de interdependência e se “aplica tanto aos grupos relativamente restritos quanto aos formados por milhares ou milhões de seres interdependentes” (KOURY, 2010, p. 95 apud ELIAS, 2005, p. 158).

Esse conceito de figuração apresentado por Elias foi utilizado para responder a seguinte questão: Quais as interdependências estão presentes nesse grupo de quadrilha que contribuem para que essa manifestação permaneça enquanto grupo? Para responder à questão proposta, refazemos o caminho que o grupo trilhou até os dias atuais através das leituras das fotos do grupo e do depoimento do Paulo, para entendemos “toda uma cadeia de interdependências” (ELIAS, 2008, p. 150). Para analisar as interdependências, consideraremos dois aspectos observados na quadrilha: 1) a presença constante de crianças; e 2) a relação da quadrilha com o grupo de jovens.

Iniciamos essas leituras com a Imagem 3, que retrata a quadrilha “Vai e Vem - mirim”, que era integrada à “Vai e Vem” principal. Essa fotografia sinaliza um conjunto de relações estabelecidas no interior do grupo.

Figura 3 – Grupo de quadrilha do “Vai e Vem” mirim - em 1988 na quadra da Usina Mato Grosso no bairro Nova Imperatriz



Fonte: Arquivo do Paulo

Quando dialogamos com Paulo sobre a fotografia, ele explicou que “essas crianças eram filhas e sobrinhas dos integrantes da junina”. Trata-se, assim, de um mecanismo de reprodução social do grupo que demonstra uma interdependência de cunho familiar que contribui para a própria existência da referida manifestação cultural.

Ainda sobre as relações familiares, notamos que, dos 31 sujeitos que se dispuseram a responder ao questionário, 20 tinham ou tiveram parentes que foram integrantes do grupo em algum momento no decorrer dos 34 anos de história desse grupo de quadrilha. O “gosto” pela dança é passado de pai para filho, de tio para sobrinho, caracterizando a importância das relações de parentesco no interior da quadrilha. A “Vai e Vem” mirim¹⁴, como era chamada a quadrilha das crianças, caracterizava um ciclo fechado de reprodução social, o que, em princípio, garante a unidade do grupo e contribui para sua permanência na história da cultura de Imperatriz.

É interessante, aqui, destacar os estudos de Simmel (2006) sobre a formação de grupos, pois o autor explica que esses são constituídos pelas diferentes interações e interesses que circundam as relações humanas. Segundo o sociólogo:

o estágio mais inicial das formações sociais, que se encontra tanto nas formações históricas como naquelas que se formam atualmente, é este: um círculo relativamente pequeno, com uma limitação excludente rigorosa perante círculos vizinhos,

¹⁴ É a quadrilha em que geralmente dançam somente crianças ou adolescentes.

estranhos ou de algum modo antagônicos, e em contrapartida com uma limitação excludente estrita em si mesmo, que permite ao membro singular apenas um espaço restrito de jogo para o desdobramento de suas qualidades peculiar e se movimentos mais livres, de sua própria responsabilidade (SIMMEL, 2009, p.11).

Além disso, no decorrer de sua história, à medida que a quadrilha foi se abrindo, o grupo tornou-se mais conhecido pela sociedade imperatrizense. Nossa observação percorreu justamente esse trajeto histórico, no qual o grupo iniciou-se pequeno e fechado em si mesmo, pois, primeiramente, partiu da ideia de um indivíduo, o Paulo da Silva dos Santos. Contudo, depois, ganhou força com o ciclo de amigos, concretizando-se nas relações familiares e de vizinhanças, para, posteriormente, aceitar não apenas integrantes do bairro Nova Imperatriz, mas pessoas de toda a cidade.

Conforme relatou Paulo da Silva dos Santos, um dos fundadores da “Vai e Vem”, no início, a quadrilha junina só aceitava integrantes que fizessem parte do Grupo de Jovens e somente em 1987, dois anos após a sua fundação, é que passou a aceitar pessoas que não faziam parte desse grupo. Surgiu, a partir de então, uma nova configuração, composta de novos indivíduos, oriundos de outros bairros, que passaram a integrar a quadrilha. “Tínhamos que ter pessoas no grupo, foi assim que abrimos para toda a comunidade” (Paulo, entrevista, 17/05/2018).

Atualmente, notamos que os 31 integrantes que responderam ao questionário são de diferentes bairros ou povoados da cidade de Imperatriz do Maranhão, como demonstra o Quadro 1, a seguir:

Quadro 2: Bairros dos integrantes do grupo de quadrilha junina.

Bairro/Povoado	Quantidade/integrante
Asa Norte	01
Bom Sucesso	03
Cinco Irmãos	03
Ouro Verde	04
Nova Imperatriz	02
Novo Horizonte	02
Vila JK	02
Santa Rita	07
São Félix	01
Santa Inês	01

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao observarmos o Quadro 1, notamos que os integrantes da “Vai e Vem” são oriundos de 10 bairros ou localidades diferente da cidade. Isso demonstra uma responsabilidade e um querer que demandam foco dos indivíduos para se agruparem no bairro Santa Rita, local da sede do grupo, e onde, na maioria das vezes, são realizados os ensaios da quadrilha junina.

Essa caracterização demonstra uma das configurações sociais presentes nas teias que envolvem a “Vai e Vem” enquanto grupo, o que possibilita uma (auto) afirmação e expansão grupal necessárias para a reafirmação da sua identidade. Isso nos remete aos estudos de Koury (2010, p.349), quando, ao citar Elias, percebe que:

Ao trilhar as vias de uma sociologia que tem a história como sua essência, e da concepção de história como uma rede de interdependências, onde o micro e o macro se informam continuamente em um jogo processual, que vai configurando possibilidades e caminhos.

Nesse sentido, a própria história da quadrilha relacionada ao bairro Nova Imperatriz e à igreja Santo Antonio se entrecruza com a história da cidade, com um conjunto de regras mais amplo, estabelecido para as competições desenvolvidas nos arraiais. Assim, de um lado, é colocada uma perspectiva micro, do ciclo fechado em que somente indivíduos advindos de um grupo “x” poderiam agrupar-se à quadrilha; e por outro, podemos encontrar uma perspectiva macro, com a abertura que possibilitou a outros indivíduos fazerem parte do grupo. Assim, podemos observar a quadrilha junina com múltiplas teias de interdependências, nas quais estão presentes elementos que contribuem para a construção de uma dada configuração social.

A relação entre os componentes do grupo “Vai e Vem” advém de figurações sociais que, em última análise, são interdependências concretas. Mas quais são essas interações? O entendimento é de que as figurações podem ser explicadas a partir de Alves (2011), quando sintetiza os estudos de Goudsblom e Mennell, principais difusores e especialistas da teoria elisiana. Ela aponta que tais autores explicam que a “figuração”

busca expressar a ideia de que a) os seres humanos são interdependentes, e apenas podem ser entendidos enquanto tais: suas vidas se desenrolam nas, e em grande parte são moldadas por, figurações sociais que formam uns com os outros; b) as figurações estão continuamente em fluxo, passando por mudanças de ordens diversas – algumas rápidas e efêmeras e outras mais lentas e profundas; c) os processos que ocorrem nessas figurações possuem dinâmicas próprias – dinâmicas nas

quais razões individuais possuem um papel, mas não podem de forma alguma ser reduzidas a essas razões (ALVES, 2011, p. 37).

Entendendo que as configurações estão sempre em fluxo, podemos destringir os processos e as mudanças que as formas de vivências e relações desse grupo sofreram da década 1985 até os dias atuais, enquanto manifestação cultural. Dessa forma, podemos falar de uma socialização nas festas populares, que, mais tarde, pode se concretizar uma sociação e, com isso, perceber elementos da perspectiva micro que são tão importantes para compreensão da formação de grupos dos mais diversos segmentos da sociedade.

A dualidade presente na Sociologia Processual de Elias (2000) nos ajuda a problematizar as modificações presentes nas relações dos componentes do grupo quanto aos elementos de interdependências que buscamos identificar. Encontramos as transformações e o processo pelos quais a quadrilha junina “Vai e Vem” passaram quanto aos indivíduos que compõem o grupo, caracterizando uma nova configuração.

4.1 Sociabilidade na “Vai e Vem ”

Ao observarmos o que foi exposto no primeiro capítulo, no tópico que conta um pouco a história da quadrilha junina em Imperatriz e no tópico que expõe a linha teórica que esta pesquisa trilhou, percebemos o uso da socialização como categoria que contribui para as interações dos membros da sociedade imperatrizense daquele período. No entanto, acreditamos que os conceitos de sociação e de sociabilidade podem também auxiliar na reflexão sobre as dinâmicas internas do grupo e seus mecanismos de sobrevivência no tempo. Entendemos que as interações no grupo são muito mais do que a simples comunicação ou o estabelecimento de contatos momentâneos. Para tanto, é preciso entender que a sociação é

A forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade (SIMMEL, 2006, p. 60).

É importante esclarecer que o interesse para Simmel, aqui, não designa a ideia de individualismo ou de uma satisfação própria, trata-se antes de material presente nos “conteúdos” e é nesse sentido que consideraremos ideia de interesse, significando propósito. Assim, essa finalidade funcionará como uma ponte para demonstrar a ocorrência de socição ou não no grupo da “Vai e Vem”. Já sobre sociabilidade, o autor compreende que:

À medida que a sociabilidade, em suas configurações puras, não tem qualquer finalidade objetiva, qualquer conteúdo ou qualquer resultado que estivesse, por assim dizer, fora do instante sociável, se apoiaria totalmente nas personalidades (SIMMEL, 2006, p. 66).

Outra característica presente na sociabilidade é a tendência de convivência sem atritos entre os que interagem. Essa característica ideal não se aplica ao grupo pesquisado, até mesmo pela diversidade dos integrantes, que são de diferentes extratos sociais, possuem distintas idades e gêneros, assim como ocupam hierarquias diferentes na estruturação do grupo “Vai e Vem”.

Simmel fala também dos conceitos de forma e conteúdo. O conteúdo é o que motiva as pessoas a se agregarem e está ligado às necessidades pessoais. Assim sendo, socição relaciona-se com conteúdo, que, para Georg Simmel, inclui os interesses, desejos, objetivos etc. pelos quais os indivíduos se agrupam.

Por exemplo, na questão quatro do questionário¹⁵ aplicado na pesquisa, é perguntado o seguinte: Por qual motivo você ingressou na “Vai e Vem”? A ela, onze pessoas responderam estar no grupo pelo gosto pela dança. Contudo, mesmo que elas tenham afirmado que ingressaram no grupo pelo “gosto pela dança”, esse interesse por si só não garante a permanência do indivíduo no grupo ao longo dos anos. O limiar desse conteúdo está relacionado com a própria capacidade de aprendizado sobre a organização e sobre as metas mais coletivas do grupo, as que possibilitam as “formas sociais”.

Podemos citar os dez de integrantes da “Vai e Vem” que estão no grupo há mais de oito anos. Inferimos que um indivíduo que está há tanto tempo em um grupo, organizando e executando ações, não pode se manter apenas por suas necessidades iniciais de satisfação. Permanecer em grupo requer um propósito maior, que ultrapassa

¹⁵ Ver no Apêndice.

as motivações individuais. É nesse jogo que a “Vai e Vem” obtém as próprias formas. Assim, vale ressaltar que:

Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 64).

A forma, nesse contexto, é a própria “Vai e Vem” como grupo. O indivíduo normalmente entra ou se agrega em grupo por um motivo ou um objetivo individual, só que, com o passar do tempo esse interesse perde relevância. Esse aspecto é o que poderia explicar o porquê de os indivíduos entrarem e saírem da quadrilha ao longo desses 34 anos, mas a “Vai e Vem” permanecer “viva” como grupo de quadrilha junina. Trata-se de algo muito próximo ao que Simmel (2006) chama de autonomia entre “conteúdo e forma”. Uma autonomia que pode ser verificada na declaração de Paulo da Silva dos Santos, quando afirma que: “Já passaram entre 80 e 100 pessoas pelo grupo”, ou seja, os indivíduos passaram, mas o grupo permaneceu.

Assim, para um primeiro momento, a sociação é importante para a formação do agregado. Entretanto, esse instante sociável não garante a permanência do grupo, pois é necessário que os conteúdos percam espaço, à medida que o indivíduo busca algo coletivo, ou seja, uma sociabilidade.

As interações vão desde a ida dos componentes para os ensaios, passando pelas viagens que o grupo faz para as apresentações em outros municípios da região, chegando até aos momentos que antecedem as apresentações do grupo nos festivais. Em todos esses momentos, são observadas características de uma sociabilidade, não só mais a ação que demanda objetividade e reciprocidade entre os componentes, denotando assim elementos de sociação, pois existem conversações de interesses objetivos em comum entre os membros do grupo “Vai e Vem”.

A partir do momento em que os componentes do grupo de “Vai e Vem” se reúnem para os ensaios ou para as apresentações das quadrilhas, suas características individuais desaparecem, ou seja, os conteúdos são deixados de lado e ganham uma forma, pois estão reunidos em prol de um interesse comum, buscando assim realização do indivíduo para o grupo e não do indivíduo para si.

Objetivando a realização da quadrilha, os componentes estão comprometidos em realizar as coreografias, os passos de dança que foram escolhidos e idealizados com antecedência e puxados pelo coreógrafo do grupo. A sociabilidade é percebida e fortalecida na interação “face a face” dos componentes, principalmente, no período junino, quando os ensaios se intensificam no mês de maio e junho, este último o mês em que se realizam a maioria das apresentações do grupo.

A dedicação ao grupo exige um compromisso e demanda uma reciprocidade na interação. Os ensaios podem ser compreendidos como “[...] formas específicas de ser com e para o outro – formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação” (SIMMEL, 1983, p. 166 apud OLIVEIRA; VIEIRA, 2015). Os ensaios do grupo normalmente se realizam na residência do coordenador Paulo.

Figura 4 - 17/05/2018 - Ensaio da quadrilha na residência do Paulo. Bairro Santa Rita



Fonte: Dias (2018)

A Figura 4 representa, aqui, o que Elias considera como “o centro da sociabilidade”. Em momentos como esse representado na imagem, podemos observar a concretização tanto de sociação como de sociabilidade entre os componentes do grupo, pois os ensaios são demasiadamente exaustivos, necessitando da dedicação de todos os integrantes. A repetição dos passos da dança e os erros frequentes na execução dos passos da coreografia demandam uma objetividade e um propósito em comum forte dos membros do grupo. Assim, o grupo “Vai e Vem” configura um espaço em que se realiza uma sociação.

Uma das respostas mais dadas a uma das questões do questionário aplicado na pesquisa nos ajuda compreender um pouco como se constrói a longevidade desse grupo de quadrilha junina. As respostas à questão cinco do questionário – Você já participou ou participa de outro grupo? – revelam que muitos membros já possuíam experiências associativas, pois dos 31 membros, 15 já frequentaram grupos estudantis, religiosos ou políticos, ou seja, já possuíam um *habitus* que favorecia a integração individual em grupos. Essa experiência contribui para a unidade do grupo, visto que esse conhecimento do ambiente coletivo vivenciado por esses indivíduos proporciona uma melhor relação entre os componentes do grupo.

Os estudos de Elias (2000, p.18) já demonstram que isso também está relacionado ao “orgulho por encarnar o carisma do grupo e a satisfação de pertencer a ele e de representar um grupo poderoso”. Essa satisfação de pertencer a um grupo ficou evidente nas respostas dadas pelos integrantes da “Vai e Vem”.

Enfim, a própria “Vai e Vem” é fruto de outra formação grupal, pois, como foi citado anteriormente, ela surgiu a partir do grupo “Comunidade Jovem Andando com Cristo”, ou seja, a experiência associativa que seus primeiros integrantes carregavam contribui e propicia a entrada de outras pessoas que não faziam parte do ciclo fechado deles. Com isso, esse momento coletivo proporciona uma sociabilidade ampla entre as pessoas que compõem o grupo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quadrilha junina, quanto à forma, é um fenômeno social coletivo de organização que, historicamente, em Imperatriz, representa um lugar da confraria, da socialização e da sociabilidade.

Quanto às mudanças, percebemos que as quadrilhas juninas passaram por reconfigurações no decorrer de mais de 30 anos. Elas passaram de uma festa de confraria e de socialização entre os membros da sociedade, até mesmo da alta sociedade, que cultivava os costumes tradicionais da festa; uma festa que antes continha em si um modo de socializar e uma conotação religiosa, que, a partir do ano de 1985, passou a existir não somente pelas comemorações festivas do período junino, evoluindo no sentido de construir uma certa estetização da dança em si, com um intuito de se apresentar em festivais para competir com o outros grupos.

Ao fazermos uma breve contextualização histórica da quadrilha junina de Imperatriz, observando os primeiros registros de noticiários, com destaque para o arquivo do jornal *O Progresso* – disponíveis no acervo da Academia de Imperatrizense Letras – percebemos o quanto essa manifestação cultural representa para a comunidade imperatrizense, vistas as teias de interdependências que carrega em seu seio.

A quadrilha junina, historicamente, na cidade, apresenta em si redes de interdependências que proporcionam e proporcionaram as mais diversas interações entre as pessoas que praticavam e praticam essa dança tradicional.

As interdependências presentes nessa manifestação cultural ajudaram na manutenção e no fortalecimento dos grupos de quadrilha, em especial, o grupo de quadrilha junina “Vai e Vem”. Com isso, apontamos os elementos que rodeiam essas teias de interdependências contidas no grupo, que são de cunho familiar e afetivo.

Assim analisamos o grupo de quadrilha “Vai e Vem” no tempo e no espaço. No tempo, é um grupo que existe há mais de 34 anos e que assistiu de perto as transformações pelas quais a quadrilha junina em Imperatriz passou e que, mesmo com essas transformações, conseguiu manter os aspectos tradicionais dessa dança. No espaço, percebemos como ela se expandiu do bairro Nova Imperatriz para outros bairros, influenciando toda a cidade.

Assim, a quadrilha junina em Imperatriz é um objeto que se manteve no tempo, passando por diversas configurações sociológicas. Vivenciou as mudanças que ocorreram nessa manifestação cultural, enquanto festa popular, que, antes, tinha como objetivo o festejar, o sociabilizar e o confraternizar, mas passou para um cenário de disputa e de competição. Mesmo com isso, a quadrilha manteve em si o objetivo da sociabilidade entre as pessoas. Ela possui em sua organização mecanismos atrativos de interação, que ajudaram a formar grupos e, conseqüentemente, através dessas interações, ajudou na manutenção dessa manifestação enquanto festa popular na cultura de Imperatriz.

A quadrilha é fruto de *habitus* que ajudam a manter viva a memória de um povo, memória esta cultivada através da sociabilidade e, principalmente, da permanência dos indivíduos no agregado, renovando, assim, os laços entre os membros da comunidade de Imperatriz. Assim, definimos sociologicamente a quadrilha junina em Imperatriz como um objeto criado a partir da combinação de elementos sociais que estão em constate renovação, passando por reconfigurações que atendem aos aspectos de cada momento cultural de uma sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Catharina Edna Rodríguez. Processo civilizador e o Estudo do Humanismo como objetivos contemporâneos. UNESP- Campus de Marília- Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília 2011.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que “não é sério”**: Tese de doutorado apresentado no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1998.

<https://museu-virtual.blogspot.com/2010>, acesso, 16 de jun. 2019.

BÁRBARA, Lenin Bicudo. **A vida e as formas da sociologia de Simmel**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 2.

BARROS, Jose D’Assunção. **As hipóteses nas Ciências Humanas considerações. Sobre a natureza, funções e usos das hipóteses**. Universidade Federal de Juiz de Fora (Juiz de Fora, Brasil) e Universidade Severino Sombra (USS) de Vassouras (Brasil). jose.assun@globo.com.

BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de, **PINHEIRO**, Roseane Arcanjo. Jornalismo em Imperatriz- MA: Memória, Vozes e Representações. VIII Encontro Nacional de História da Mídia Unicentro, Guarapuava –PR, 2011.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **A festa em perspectiva antropológica: carnaval e os folguedos do boi no Brasil**. Revista Artelogie, nº 4 janeiro de 2013. Disponível em: http://cral.in2p3.fr/artelogie/IMG/article_PDF/article_a183.pdf

CEZAR, Domingos. **Comunidade e Paróquia Santo Antônio de Pádua**. Disponível em: <https://www.imperatriz.ma.gov.br/blog/nossa-cidade/historico-da-comunidade-e-paroquia-santo-antonio-de-padua.html>. Publicado em 08/06/2018. Acesso em 05 de julho 2019.

CUNHA, Fernando. **Dra. Ruth Ferreira de Aquino Noletto – Uma Mulher além do seu Tempo**. Museu Virtual Imperatriz – MA. Imperatriz/Brasil, janeiro de 2017. Disponível em: <https://museu-virtual.blogspot.com>. Acesso 16 de jun. 2019.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro. Zahar, 1994.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa. Edições 70, 2008.

_____. **Sociedade de corte**. Investigações sobre Sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro. Zahar. 2001.

ELIAS, Norbert; **SCOTSON**, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. **Festas religiosas populares: versão preliminar**. III Jornada internacional de políticas públicas. São Luís – MA, agosto 2007.

FRANKLIN, Adalberto. **Imperatriz tem identidade cultural sim**. Blog Adalberto Franklin > Cultura, cidadania, Política e desenvolvimento. Imperatriz/Brasil outubro de

2017. Disponível em: <http://adalbertofranklin.por.com.br/imperatriz-tem-identidade-cultural>. Acesso em: 16 jun. 2019.

GASPAR, Lúcia. Quadrilha Junina. Pesquisa Escoar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesuisaescolar/index.php>>Acesso em: 16 junho 2019.

GPS - Grupo de Pesquisa Práticas de Socialização Contemporâneas apresenta as palestras: **Norbert Elias e Sigmund Freud com Prof. Paulo Endo – IP-USP.** Norbert Elias e Georg Simmel, Norbert Elias e Sigmund Freud (parte 2 de 3)

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. 9ª Edição, Editora vozes. Petrópolis, 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Práticas instituídas e experiências autoritárias. O Sindicalismo Rural na mata pernambucana, 1954 - 1970. São Carlos, 2010.

LANDINI, Tatiana Savoia. A Sociologia Processual de Norbert Elias. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Tecnologia e Civilização, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

LEONEL, Guilherme Guimarães. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.11, n. 15, 2º sem. 2010.

LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. Revista Tempo. Artigo. v20. 2014.

MOREIRA, Zequinha: precursor do desenvolvimento de Imperatriz, de Simplício Moreira. Imperatriz: Ética, 1997.

SANTOS, Paulo da Silva. História da criação da quadrilha do Vai e Vem. Imperatriz, 2017.

_____. **Entrevista.** Imperatriz, 17 maio 2017.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **As Grandes Cidades e a Vida do Espírito.** Coleção: Artigos LUSOS OFIA. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Questionário aplicado como requisito básico para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/ Sociologia

Orientador: Jesus Marmanillo

Discente: Antonio Marcos Dias

Nome: _____ Bairro: _____

Idade: _____

1- Há quanto tempo participa do grupo? _____

2- Como conheceu o grupo?

Através de:

Amigos () Parentes () Irmão () Tio () Mãe () Pai () Outros ()

- Através de qual desses grupos?

Grupo religioso () Estudantil () Familiar () Político ()

3 - No grupo você tem:

Irmão () Tio () Mãe () Pai () Outros ()

4- Está no grupo “Vai e Vem”, pela:

Representatividade cultural ()

Por ser um “espaço” onde você se sente representado ()

Por ser um “espaço” onde tem vários amigos () Pelo gosto da dança ()

5. Já participou ou participa de um outro grupo? sim () não ()

Se sim, qual é a área de atuação desse grupo?

Religioso () Esportivo () Político () Estudantil Outros () Quais? _____